

Comparação das práticas parentais em estudantes do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental

Comparación de prácticas parentales en alumnos de 6o y 7o de primaria

Comparison of parenting practices in students from the 6th and 7th grade of Elementary School

Fátima de Almeida Maia

Doutora em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Orientadora Educacional Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), e-mail: maiafalmeida@gmail.com, Brasil. Rua Marechal Deodoro, 217 - Bloco A - Centro, Niterói - RJ, Brasil, 24030-060.

Adriana Benevides Soares

Doutora em Psicologia pela Universidade de Paris XI, Pós-doutora pela Universidade Federal de São Carlos, Professora Titular nos Programas de Pós-graduação da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rua Marechal Deodoro, 217 - Bloco A - Centro, Niterói - RJ, Brasil, 24030-060.

Marcia Cristina Monteiro

Doutora e Pós-doutora em Psicologia Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Orientadora Educacional na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), e-mail: marcialauriapsi@outlook.com, Brasil, Rua Marechal Deodoro, 217 - Bloco A - Centro, Niterói - RJ, Brasil, 24030-060.

Comparação das práticas parentais em estudantes do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental

Comparación de prácticas parentales en alumnos de 6o y 7o de primaria

Comparison of parenting practices in students from the 6th and 7th grade of Elementary School

Fátima de Almeida Maia¹, Adriana Benevides Soares^{2,3}, Marcia Cristina Monteiro¹

¹Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), ²Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), ³Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

A família mantém forte influência na socialização dos filhos e o uso de práticas parentais de apoio pode ser determinante para comportamentos mais saudáveis ao longo das etapas de desenvolvimento. O objetivo foi comparar práticas parentais em adolescentes do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental. Participaram 146 pais e mães do 6º ano ($M= 37,7$ anos ; $DP= 8,1$) e 97 do 7º ano ($M= 40$ anos ; $DP= 12,7$). Foram utilizados o Inventário de Estilos Parentais (IEP), o Inventário de Práticas Parentais (IPP) e a Escala de Práticas Parentais (EPP). Os resultados indicaram que houve diferença nas práticas parentais em relação aos estudantes de 6º e 7º ano e também apontou diferenças nos índices de percepção dos pais e das mães sobre os seus filhos. Mostraram que a partir do desenvolvimento dos estudantes novas competências surgem, iniciando um aumento de outras responsabilidades. Os resultados também indicaram a participação dos pais no acompanhamento dos filhos, considerando relevante a função paterna nessa formação.

Palavras-chave: Educação parental; Ensino fundamental; Relações familiares

Resumen

La familia mantiene una fuerte influencia en la socialización de los niños y el uso de prácticas parentales de apoyo puede ser determinante para comportamientos más saludables a lo largo de las etapas del desarrollo. El objetivo fue comparar las prácticas parentales en adolescentes de 6º y 7º de primaria. 146 padres y madres de 6º año ($M= 37,7$ años e $DP= 8,1$) y 97 ($M= 40$ años ; $DP= 12,7$) de 7º año. Se utilizaron el inventario de estilos de crianza (IEP), el inventario de prácticas de crianza (IPP) y la Escala de prácticas de crianza (EPP). Los resultados indicaron que había una diferencia en las prácticas de crianza en relación con los estudiantes de 6º y 7º grado y también señalaron diferencias en los índices de percepción de padres y madres sobre sus hijos. Demostraron que del desarrollo de los estudiantes surgen nuevas habilidades, iniciando un aumento en otras responsabilidades. Los resultados también indicaron la participación de los padres en el seguimiento de sus hijos, considerando relevante el rol paterno en esta formación.

Palabras clave: Educación de los padres; Enseñanza fundamental; Relaciones familiares

Abstract

Family has strong influence on their children's socialization and the use of parental practices of support can be crucial to healthier behavior during development phases. The objective was to compare parental practices involving 6th and 7th grade adolescents in Elementary School. The participants were 146 parents ($M= 37,7$ years ; $SD= 8,1$) from the 6th grade and 97 parents ($M= 40$ years ; $SD= 12,7$) from the 7th grade. The instruments used were the Parental Styles Inventory (PSI), the Parental Practices Inventory (PPI) and the Parental Practices Scale (PPS). The results showed differences between the parental practices adopted with 6th and 7th grade students. It also pointed out differences between the father's and the mother's level of perception of their kids. The results also revealed that new competences arise from the development of the students, which gives birth to an increase of new responsibilities. They also indicated that the father's participation in the academic development of their kids, highlighting the relevance of the father's role in this process.

Keywords: Parental education; Secondary school; Family relations

Os estudantes ao ingressarem no 6º ano do Ensino Fundamental apresentam particularidades no âmbito do desenvolvimento marcado pelo período que distingue a passagem entre a dependência infantil e a autonomia adulta (Cloutier & Drapeau, 2005). Essas mudanças estabelecem um ponto de transição importante que exige adaptações mais complexas nos planos cognitivo e psicossocial, definindo momentos de transformações progressivas. Segundo Marturano e Pizato (2015) e Aguirre e Maraschin (2017) as experiências vividas podem influenciar positiva ou negativamente a trajetória do adolescente, tanto na esfera familiar como em sua escolaridade. Na esfera escolar, os alunos que fazem a transição para o 6º ano, além de perderem um pouco de sua individualidade, na qual a atenção era particularizada, deparam-se com a diversidade de disciplinas, com a pluridocência, com a redução do tempo do professor em sala de aula e com as mudanças na própria estrutura curricular. Inegavelmente, por mais que seja uma simples mudança de um ano para outro, essa transição evidencia a fragilidade do sistema educacional, que não consegue garantir as necessidades adaptativas e reforça a ideia de descontinuidade entre os anos (Correia, Marques-Pinto, & Roberto, 2017).

Portanto, à medida que o indivíduo se desenvolve, o mundo exterior exige mais avanços e considera que a partir de novas vivências o comportamento se modifique, devendo apresentar uma maior competência para lidar com situações novas e difíceis (Nunes, Faraco, Vieira, Lisboa, & Rubin, 2015). Carbonieri e Eidt (2020) sinalizam que a implantação do Ensino Fundamental de nove anos, evidencia sua precocidade, sem garantir previamente a organização das escolas e dos professores. Logo, percebe-se que apesar de longas tentativas, estas metas apresentaram poucos efeitos práticos, principalmente no desempenho do sistema educacional no país frente às demandas da população de baixa renda, abrindo brechas para o insucesso escolar. Os adolescentes enfrentam, nesse período, mudanças importantes, sendo que sua capacidade de se adaptar a um novo ambiente é bem dinâmica, proporcionando oportunidades para a maturação, para a reestruturação de suas experiências e para o aumento da possibilidade de crescimento nos anos subsequentes do Ensino Fundamental (Lessa, 2018).

Portanto, tentando compreender o comportamento dos estudantes em sua etapa mais significativa do desenvolvimento, a esfera familiar é referência importante nesse contexto (Minetto & Löhr, 2016). Como o principal microsistema responsável pelo avanço da criança, a família possui grande responsabilidade na socialização e na adaptação escolar dos filhos e pode explicar fatos e acontecimentos presentes em seu crescimento (Cloutier & Drapeau, 2005; Minetto & Löhr, 2016). O apoio dos pais tem sido referendado como fonte estimuladora para o sucesso dos filhos no ambiente escolar e nas relações sociais.

Quando há um afastamento paterno e/ou materno e déficits no ciclo de desenvolvimento da prole, a criança pode potencializar problemas comportamentais mais amplos, como ausência de desempenho esperado, hiperatividade, impulsividade, distração e gerar consequências negativas com práticas improdutivas de educação

(Cloutier & Drapeau, 2005). Cada estágio impõe novas condições, evidenciadas nas noções de responsabilidade, dever e autonomia e desenvolve-se em um ambiente estruturado, com rotinas diárias que podem contribuir para a autodeterminação do adolescente em tomar decisões mais assertivas (Z. Del Prette, Del Prette, Oliveira, Gresham, & Vance, 2012; Wang, Dishion, Stormshak, John, & Willett, 2010).

Com isso, os indivíduos são direcionados para que aos 11 e 12 anos, consigam sair de um estágio de dependência infantil para um estágio de autonomia e progressos, incentivado pelo aumento da capacidade cognitiva e pelos desafios que o próprio estudante deve e quer conquistar. Segundo Karimzadeh, Rostami, Teymouri e Tahmasebi (2017), a família contribui substancialmente para o desenvolvimento do indivíduo, que recebe do contexto e do ambiente circundante os estímulos necessários para a formação de sua personalidade, para o desenvolvimento de suas habilidades sociais e para a sua vida emocional.

Portanto, sob o impacto das modificações físicas, mentais, sociais e cognitivas ocorridas nesta fase de transição, o conceito de adolescência, vem sendo construído historicamente por uma visão adultocêntrica (Azevedo & Reato, 2019). Essa visão, segundo os autores, está ligada às alterações do papel comportamental do adolescente perante as novas demandas sociais, como comportar-se com autonomia, desenvolver competências necessárias ao seu crescimento, colocando-o diante de novas demandas de desempenhos e responsabilidades.

Corroborando essas ideias, os estudos de Souza, Panúncio-Pinto e Fiorati (2019) com adolescentes da 6ª e da 8ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública de tempo integral, no interior do Rio Grande do Sul sobre o que é “ser adolescente” verificou que, para ambas as turmas, significava um período de mudanças corporais, da descoberta da sexualidade e de papéis exercidos na família e na sociedade, caracterizando a passagem da fase infantil para a adolescência. Apontaram para um comportamento mais responsável, “mais maduro” e com novos interesses.

No estudo de Maia, Soares e Leme (2019) com estudantes, pais e professores do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Niterói-RJ, os resultados mostraram que as habilidades sociais estão mais presentes em alunos do 7º ano do que nos alunos de 6º ano. Os alunos do 7º ano obtiveram escores superiores nas variáveis Cooperação, levando-se em conta a maior participação da criança em realizar tarefas de forma espontânea, nas Habilidades Sociais Total, o que representou maior aperfeiçoamento em seu repertório social. Na visão dos pais, o grupo de alunos do 7º ano apresentou alto escore em Cooperação e Habilidades Sociais Total expressando componentes importantes para estimular as atividades sociais produtivas e o sucesso escolar dos estudantes. Na visão do professor, os grupos de 6º e 7º ano não apresentaram diferenças significativas entre eles, à exceção do fator Responsabilidade. Esse fator é relevante para os docentes que valorizam as ações, a participação e o cumprimento de obrigações nas atividades pedagógicas, sendo também um preditor do sucesso acadêmico (Rosin

-Pinola, Z. Del Prette, & Del Prette, 2007).

Historicamente, os pesquisadores vêm documentando que experiências da primeira infância auxiliam a reforçar determinados comportamentos ou desestimulá-los. As práticas parentais focadas na direção de estabelecer objetivos para reforçar limites e favorecer um bom repertório de habilidades sociais aos filhos apresentam perspectivas mais adequadas para o futuro (Bolsoni-Silva & Marturano, 2010; Z. Del Prette et al., 2012). Pode-se perceber que existe uma base empírica relacionada às práticas parentais, que envolvem padrões de conduta e podem prejudicar o desenvolvimento do estudante, minando suas atividades acadêmicas, influenciando o desenvolvimento social, interpessoal e cognitivo.

Um estudo precursor, que se destaca no entendimento das práticas entre pais e filhos, foi realizado por Smetana (2017) e fortalece os estudos citados anteriormente, indicando que quando os pais adotam medidas de monitoramento parental, isto é, quando os pais tomam conhecimento das atividades diárias dos adolescentes podem impedir efetivamente os jovens dos perigos a que eles estão expostos e mantê-los afastados de pares desviantes, minimizando práticas de comportamentos problemáticos. O estudo realizado na Suécia mostra a importância dos pais em obterem conhecimento sobre as atividades diárias dos adolescentes, mais por meio da divulgação voluntária dos filhos do que por seus próprios esforços ativos de monitoramento. Os pais devem confiar em métodos como pedir aos adolescentes que falem sobre suas atividades fora do ambiente familiar e criar regras de casa para que eles digam para onde estarão indo, o que estarão fazendo e com quem.

Dado o significado sobre o papel do estilo parental no desenvolvimento social da criança e do adolescente, este estudo considerou relevante comparar as práticas parentais em estudantes do Ensino Fundamental II. A maioria dos estudos encontrados indica relações entre os construtos em questão, mas foram identificadas poucas pesquisas que comparam o desenvolvimento de adolescentes do 6º e do 7º ano. Intrinsecamente, o estudo buscou evidências empíricas sobre a relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento social da criança, uma vez que existe uma escassez de dados nesse sentido.

Autores como Natoli, Batini e Toti (2016), consideram que mesmo que a sociedade se encontre numa era de mudanças profundas, a "família" como núcleo emocional encontra-se como o centro estável, com uma função caracterizada pelo compromisso e responsabilidade para com a criança no seu desenvolvimento físico, moral e intelectual. O núcleo familiar deve representar, para ela, o lugar mais importante para sua segurança, crescendo num ambiente que estimule o comportamento pró-social, base sobre a qual constitui sua personalidade.

Nesse estudo, três instrumentos foram utilizados para determinar diferentes dimensões das práticas parentais, com a intenção de contemplar aspectos distintos que podem ocorrer no contexto da interação. O agrupamento dos instrumentos pode considerar visões individualizadas de pais e filhos, nas interações afetivas e de socialização, de responsividade e exigência, além de práticas

relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais e práticas adequadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Portanto, a presente estudo tem como objetivo comparar práticas parentais em adolescentes do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental.

Método

Participantes

Participaram 146 mães e pais ($M = 37,7$ anos; $DP = 8,1$) de estudantes de 6º ano de uma escola pública do município de Niterói-RJ. A maioria dos pais participantes do estudo (86,9%) era do sexo Feminino (mães) em todos os anos analisados. Em relação ao estado civil dos pais, 42 eram casados (30,2%), (N=42) eram divorciados (30,2%), 55 tinham outro estado civil (39,6%). Em relação ao 7º ano, participaram 97 pais ($M = 40$ anos e $DP = 12,7$) com filhos matriculados em escolas públicas do município de Niterói e São Gonçalo-RJ. A maioria dos pais participantes do estudo (79,4%) era do sexo Feminino (mães). Em relação ao estado civil dos pais, 37 eram casados (39,8%), 39 eram solteiros (41,9%) e 17 tinham outro estado civil (18,3%).

Instrumentos

O Inventário de Estilos Parentais (IEP), elaborado e validado por Gomide (2006) contém 42 questões, sendo que cada uma inclui a ação à qual a mãe /pai deve responder indicando a frequência com que cada situação acontece. Então, responde-se: nunca: se em 10 ocasiões, ele (a) agiu daquela maneira de 0 a 2 vezes; às vezes: se em 10 ocasiões, ele (a) agiu daquela maneira de 3 a 7 vezes; sempre: se em 10 ocasiões, ele (a) agiu daquela maneira de 8 a 10 vezes. As questões são distribuídas de maneira que envolvam as sete práticas educativas: (A) monitoria positiva (mãe: $\alpha = 0,61$; pai: $\alpha = 0,80$), (B) comportamento moral (mãe: $\alpha = 0,70$; pai: $\alpha = 0,78$), (C) negligência (mãe: $\alpha = 0,73$; pai: $\alpha = 0,80$), (D) punição inconsistente (mãe: $\alpha = 0,66$; pai: $\alpha = 0,76$), (E) disciplina relaxada (mãe: $\alpha = 0,62$; pai: $\alpha = 0,74$), (F) monitoria negativa (mãe: $\alpha = 0,47$; pai: $\alpha = 0,62$) e (G) abuso físico (mãe: $\alpha = 0,82$; pai: $\alpha = 0,87$), sendo que a cada variável correspondem seis perguntas.

O Inventário de Práticas Parentais (IPP), elaborado por Benetti e Balbinotti (2003), é utilizado para avaliar as práticas parentais empregadas por pais e por mães com filhos em idade escolar – é composto por 29 itens que apresentam comportamentos para estimar a sua ocorrência, numa escala Likert de cinco pontos que variava de 1 (nunca) até 5 (sempre). O IPP propõe medir as dimensões referentes às práticas parentais: Social ($\alpha = 0,58$), com seis itens focalizando comportamentos dos pais em participar de atividades de lazer com os filhos evidenciando maior envolvimento com jogos, ver TV, ouvir música, levar para visitar amigos. Educação ($\alpha = 0,82$), com seis itens que abrangem habilidades dos pais em supervisionar e monitorar as

experiências dos filhos na escola, ajudar nos deveres escolares e em perceber dificuldades da criança a situações de conflito em algum aspecto social. Disciplina ($\alpha=0,55$), com cinco itens que contemplam comportamentos dos pais de estabelecer limites aos filhos que são baseados em práticas coercitivas e/ou permissivas e/ou inconsistentes. Afeto ($\alpha=0,76$), com oito itens que focam habilidades dos pais de expressar afeto aos filhos. Responsabilidade, com quatro itens que focalizam comportamentos dos pais que expressam preocupação, supervisão e zelo com o bem-estar da criança.

A Escala de Práticas Parentais (EPP), elaborada e validada por Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) avalia dimensões com 27 itens de práticas educativas parentais em relação a adolescentes: Apoio Emocional ($\alpha=0,89$), mostrando interesse pelas coisas que faz o estudante; Controle Punitivo ($\alpha=0,73$), proibindo de fazer algo que gosta ou punindo de algum modo se o filho desobedece; Incentivo à Autonomia ($\alpha=0,76$), quando incentiva a agir de modo independente, deixando ter suas próprias experiências; Intrusividade ($\alpha=0,67$), dando palpite em tudo que faz, intrometendo-se em assuntos dos filhos, mesmo quando eles não pedem; Supervisão do Comportamento ($\alpha=0,77$), quando procura verificar por onde o filho anda e, caso não saiba, procura verificar aonde vai quando sai de casa; Cobrança de Responsabilidade ($\alpha=0,70$) verifica se o filho corresponde às expectativas nos estudos, cobrando organização com suas coisas.

Procedimentos éticos

Os pais e/ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes deram o consentimento verbal. Para a realização da coleta de dados foi informado o caráter da pesquisa, seu anonimato e a possibilidade de ser interrompida a qualquer momento. Na coleta de dados, um e-mail foi disponibilizado para contato permanente. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, atendendo as normas das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa foi realizada em uma Escola da Rede Pública Estadual, localizada na região norte da cidade de Niterói – RJ, com pais de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II. A estratégia para o convite aos participantes pais foi feita através de Reunião de Pais/ Responsáveis com esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa. Após autorização do grupo, os questionários foram aplicados na escola. Para os pais do 7º ano a pesquisa foi realizada em quatro Escolas da Rede Pública, dos municípios de Niterói e São Gonçalo. Após apresentação da pesquisadora e do projeto de pesquisa, foi solicitado o consentimento às Direções de Ensino, para a realização da coleta de dados. A estratégia utilizada para a coleta de dados foi a mesma para com os responsáveis do 7º ano.

Procedimentos de análise de dados

Inicialmente, foi realizada uma limpeza no banco de dados e os valores dos casos ausentes (missings) foram substituídos pela média

de cada variável, de acordo com o grupo que pertenciam (sexto ou sétimo ano). As variáveis foram computadas, a partir da média de seus escores. Foi feito o teste t de Student, para comparar os grupos dos estudantes de 6º e 7º ano com relação às práticas parentais.

Resultados

Para avaliar a existência de diferença significativa dos construtos, em relação aos alunos do 6º e 7º ano, verificou-se que no Inventário de Práticas Parentais de Gomide (2006), os pais e mães dos alunos do 7º ano obtiveram escores superiores aos dos pais e mães dos alunos do 6º ano, com exceção da percepção dos pais dos alunos do 6º ano, na variável Pai-Negligência. Nos demais, os pais e mães dos alunos do 7º ano obtiveram escores superiores nas variáveis Mãe-Disciplina

Tabela 1
Diferença entre Grupos para os Fatores do Inventário de Estilos Parentais de Gomide (2006)

Variável	Em tratamento	Média	DP	t	p
Mãe_Monitoria_Positiva	Sexto	1,28	0,32	-0,88	0,38
	Sétimo	1,32	0,37		
Mãe_Comportamento_Moral	Sexto	1,33	0,35	-0,66	0,51
	Sétimo	1,36	0,38		
Mãe_Punição_Inconsistente	Sexto	2,41	0,37	-0,41	0,68
	Sétimo	2,43	0,35		
Mãe_Negligência	Sexto	2,56	0,42	-0,34	0,74
	Sétimo	2,58	0,39		
Mãe_Disciplina_Relaxada	Sexto	2,28	0,36	-2,16	0,03*
	Sétimo	2,39	0,30		
Mãe_Monitoria_Negativa	Sexto	1,77	0,34	-1,04	0,30
	Sétimo	1,82	0,36		
Mãe_Abuso_Físico	Sexto	2,59	0,43	-0,87	0,39
	Sétimo	2,64	0,36		
Pai_Monitoria_Positiva	Sexto	1,33	0,47	-3,47	0,00**
	Sétimo	1,60	0,58		
Pai_Comportamento_Moral	Sexto	1,41	0,42	-2,68	0,01*
	Sétimo	1,64	0,78		
Pai_Punição_Inconsistente	Sexto	2,49	0,36	0,20	0,84
	Sétimo	2,48	0,38		
Pai_Negligência	Sexto	2,57	0,43	2,25	0,03*
	Sétimo	2,42	0,52		
Pai_Disciplina_Relaxada	Sexto	2,42	0,37	-1,33	0,19
	Sétimo	2,49	0,38		
Pai_Monitoria_Negativa	Sexto	1,92	0,39	-1,41	0,16
	Sétimo	2,00	0,39		
Cri_Abuso_Físico	Sexto	2,68	0,69	-0,01	1,00
	Sétimo	2,68	0,38		
Cri_Monitoria_Positiva	Sexto	1,15	0,25	-1,83	0,07
	Sétimo	1,22	0,29		
Cri_Comportamento_Moral	Sexto	1,43	0,28	0,18	0,86
	Sétimo	1,43	0,31		
Cri_Punição_Inconsistente	Sexto	2,58	0,39	0,99	0,32
	Sétimo	2,52	0,36		
Cri_Negligência	Sexto	2,56	0,32	2,00	0,05
	Sétimo	2,46	0,38		
Cri_Disciplina_Relaxada	Sexto	2,58	0,38	0,23	0,82
	Sétimo	2,57	0,37		
Cri_Monitoria_Negativa	Sexto	1,80	0,39	0,97	0,33
	Sétimo	1,74	0,39		
Cri_Abuso_Físico	Sexto	2,70	0,31	-0,07	0,95
	Sétimo	2,71	0,39		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Relaxada, Pai-Monitoria Positiva e Pai-Comportamento Moral (conforme Tabela 1).

Em relação à Escala de Práticas Parentais de Teixeira et al. (2006), os pais e mães de alunos do 6º ano obtiveram escores superiores aos pais e mães de alunos do 7º ano, existindo uma diferença significativa entre a percepção dos Pais nas variáveis Pai-Apoio Emocional, Pai-Supervisão do Comportamento, Pai-Cobrança de Responsabilidade. Nas demais variáveis as diferenças não foram significativas (conforme Tabela 2).

Tabela 2
 Diferença entre Grupos para os Fatores da Escala de Práticas Parentais de Teixeira et al. (2006).

Variável	Em tratamento	Média	DP	t	p
Mãe-ApoioEmocional	Sexto	4,41	0,72	0,53	0,60
	Sétimo	4,35	0,83		
Mãe-ControlePunitivo	Sexto	3,91	0,77	1,07	0,29
	Sétimo	3,79	0,80		
Mãe-Autonomia	Sexto	3,52	0,83	-1,40	0,16
	Sétimo	3,68	0,77		
Mãe-Intrusividade	Sexto	2,83	0,99	-0,92	0,36
	Sétimo	2,95	0,88		
Mãe_SupervisãoComportamento	Sexto	4,57	0,58	0,85	0,39
	Sétimo	4,49	0,61		
Mãe_CobrançaResponsabilidade	Sexto	4,68	0,48	1,49	0,14
	Sétimo	4,56	0,66		
Pai-Apoio Emocional	Sexto	4,24	0,80	2,29	0,02*
	Sétimo	3,93	1,06		
Pai-Controle Punitivo	Sexto	3,68	0,86	1,25	0,21
	Sétimo	3,52	0,96		
Pai-Autonomia	Sexto	3,54	0,88	0,46	0,64
	Sétimo	3,48	1,00		
Pai-Intrusividade	Sexto	2,59	0,95	-0,11	0,91
	Sétimo	2,60	1,00		
Pai_SupervisãoComportamento	Sexto	4,34	0,71	2,24	0,03*
	Sétimo	4,07	0,96		
Pai_CobrançaResponsabilidade	Sexto	4,48	0,64	3,36	0,00**
	Sétimo	4,09	0,97		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Tabela 3
 Diferença entre Grupos para os Fatores do Instrumento Inventário de Práticas Parentais de Benetti e Balbinotti (2003)

Variável	Em tratamento	Média	DP	T	p
Social	Sexto	3,65	0,68	2,63	0,01*
	Sétimo	3,37	0,76		
Educação	Sexto	3,96	0,69	2,90	0,00*
	Sétimo	3,65	0,81		
Disciplina	Sexto	2,69	0,65	1,00	0,32
	Sétimo	2,60	0,61		
Afeto	Sexto	4,62	0,51	2,76	0,01*
	Sétimo	4,37	0,76		
Responsabilidade	Sexto	4,74	0,45	1,80	0,07
	Sétimo	4,59	0,70		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

No Inventário de Práticas Parentais de Benetti e Balbinotti (2003), os pais e mães de alunos do 6º ano obtiveram escores superiores aos dos alunos do 7º ano, apresentando uma diferença significativa na percepção dos pais nas variáveis Pais-Social, Pais-Educação, Pais-Afeto. Nas demais variáveis as diferenças não foram significativas (conforme Tabela 3).

Discussão

Por meio dos resultados apresentados, verificando se existia diferença significativa nas práticas parentais em relação aos estudantes de 6º e 7º ano, o estudo apontou diferenças nos índices de percepção dos pais e das mães sobre os seus filhos. Os resultados do Inventário de Práticas Parentais de Gomide (2006) mostraram que os pais e mães de alunos do 7º ano obtiveram escores superiores aos dos pais e mães dos alunos do 6º ano, com exceção da variável Pai-Negligência, pois, na percepção dos pais, existe pouco envolvimento emocional, distanciamento nas tarefas de supervisão e cuidado afetivo, podendo reforçar nos filhos dificuldades de aprendizagem e atrasos no desenvolvimento dos alunos do 6º ano (Gomide, 2011; Nascimento, Moreira, Poffal, Souza, & Avallone, 2017).

Os pais e mães dos alunos do 7º ano apresentaram escores superiores nas variáveis Mãe-Disciplina Relaxada como sendo o não cumprimento de regras estabelecidas. Segundo a autora, as mães deixam de expressar limites que já foram estabelecidos anteriormente e abrem mão de uma tomada de decisão frente ao comportamento apresentado. Com isso, deixam de exigir dos filhos o cumprimento de normas, intensificando a não aceitação das regras sociais (Nascimento et al., 2017). Outra variável apresentada é Pai-Monitoria Positiva, que se apresenta como um conjunto de práticas envolvendo o afeto, o carinho, o acompanhamento e a supervisão dos pais nas atividades escolares e de lazer, bem como nos momentos de necessidade da criança (Gomide, 2003; Nascimento et al., 2017).

Por fim, a variável Pai-Comportamento Moral refere-se a uma prática na qual os pais ensinam valores morais, como honestidade, senso de justiça, o desenvolvimento da empatia, da responsabilidade, do trabalho, reportando-se principalmente a normas e valores transmitidos através do modelo parental (Goetz & Vieira, 2005). Nesse aspecto, a autora enfatiza que o envolvimento dos pais no comportamento moral dos filhos, desenvolve o ser humano, promove a consciência moral e amplia juízos de valor. Assim, leva-os a alcançar novos repertórios comportamentais como o de se colocar no lugar do outro, numa aprendizagem sobre seus atos e sobre o conhecimento do que é certo ou errado em relação ao abuso de drogas e sexo seguro, seguido do exemplo dos pais (Nascimento et al., 2017)

Os resultados em relação à Escala de Práticas Parentais de Teixeira et al. (2006), revelaram que os pais e mães dos alunos do 6º ano obtiveram escores superiores aos dos pais e mães de

alunos do 7º ano, existindo uma diferença significativa entre a percepção dos Pais nas variáveis Pai-Apoio Emocional, Pai-Supervisão do Comportamento, Pai-Cobrança de Responsabilidade. O apoio emocional relaciona-se com as atitudes e comportamentos dos pais que demonstram disponibilidade para com os filhos, fazendo-os sentirem-se seguros emocionalmente. Ainda demonstram maior supervisão no comportamento dos filhos, estando mais presente em suas atividades, ao invés de serem intrusivos e restringirem limites severos a eles. A variável Cobrança de Responsabilidade indica que os pais que buscam fazer com que o adolescente se adapte às regras sociais tenham maiores responsabilidades em suas atitudes e suas ações (Teixeira et al, 2006).

O estudo aponta para uma qualidade da relação pai-criança e para o fortalecimento da figura paterna num momento importante de transição, assegurando ao estudante um olhar de um adulto responsável pela sua segurança, pela sua afetividade e no acompanhamento de sua vida escolar e social mais ampla (Nelson, Zeanah, & Fox, 2019). Os autores ainda relatam que a relação dos adolescentes com os pais é considerada como sendo muito importante e na análise da etapa evolutiva dos filhos, podem apresentar percepções diferentes em relação ao cuidado e o envolvimento de ambos os participantes parentais.

O papel paterno continua tendo uma contribuição relevante, sendo sua figura crucial para um desenvolvimento sadio entre os filhos. Segundo Gomide (2009), estudos admitem a importância positiva de práticas educativas e parecem sugerir que experiências iniciais podem desempenhar um papel duradouro no desenvolvimento humano. Portanto, as práticas educativas que os pais estabelecem desde cedo na educação dos filhos sobre o afeto e o limite, implementam no papel paterno modelos significativos de adaptação psicológica, que favorecem um desempenho socialmente competente, melhorando as condições para desenvolver a assertividade e a autonomia dos filhos (Backes, Becker, Crepaldi, & Vieira, 2019; Patias, Siqueira, & Dias; Z. Del Prette, Del Prette, 2017).

De fato, a concepção de parentalidade e o modelo de como se infere o papel de ser pai e o envolvimento com os filhos estão modificando a relação da família na sociedade contemporânea. Segundo Marturano (2013), a figura paterna, antes demarcada apenas como provedora assume hoje formas de proximidade e participação mais intensa da educação, do desenvolvimento social e do cuidado emocional do adolescente. Além do mais, essa experiência apresentada no 6º ano, reflete a necessidade dos filhos em relação ao apoio e ao acompanhamento dos pais para a conquista de sua autonomia Cloutier e Drapeau (2005). Os pais ainda precisam ficar atentos e valorizar os estudos desses adolescentes, para que sejam bem sucedidos e alcancem com maior autonomia às novas condições sociais e acadêmicas.

Contudo, a transição da infância para à adolescência apresenta uma diminuição nas relações de dependência e autoridade de uma única decisão e passa a um aumento nas relações de reciprocidade e ajuda mútua. Segundo Cloutier e Drapeau (2005), à medida que os pais

percebem uma evolução natural dos filhos as relações existentes nas diferentes gerações tendem a incorporar novas formas de comunicação, tornando o adolescente mais apto a compreender e aceitar suas fraquezas e necessidades, além de perceber os limites e necessidades dos pais. Considerando o contexto no qual os pais e mães de estudantes de 7º ano obtiveram escores superiores aos dos pais e mães de alunos do 6º ano, nas práticas que indicam uma avaliação mais positiva dos pais, pode-se perceber progressos cognitivos por parte dos adolescentes. O ambiente social, a qualidade moral de conduta e a imagem perante os outros, tornam-se objetos de análise mais evidentes na vida mental. Portanto, o aluno do 7º ano começa a transformar-se à medida que começa a entender relações mais complexas e a relacioná-las à capacidade de estabelecer novas experiências de vida na produção de novos conhecimentos Cloutier e Drapeau (2005).

Em relação ao Inventário de Práticas Parentais (IPP) de Benetti e Balbinotti (2003), os resultados indicaram que os pais e mães de alunos do 6º ano obtiveram escores superiores aos dos pais e mães de alunos do 7º, apresentando uma diferença significativa na percepção dos pais nas variáveis Pais-Social, Pais-Educação e Pais-Afeto. A variável Pais-Social evidencia comportamentos dos pais em participar de atividades sociais e de lazer, objetivando maior socialização das crianças, tornando-as aptas a viver em sociedade (Z. Dep Prette & Del Prette, 2017).

Pesquisadores como Wang et al. (2010) constataam que ao longo do desenvolvimento a criança pode-se alcançar novas habilidades, levando os pais a adotarem diferentes estratégias de comunicação, mantendo um diálogo para uma melhor negociação, interação na família e convivência social. A variável Educação abrange habilidades dos pais em acompanhar as atitudes e comportamento dos filhos e perceber suas dificuldades em situações de conflito ou outras situações sociais. Para Marturano (2013), o apoio dos pais nas demandas de desenvolvimento educacional dos filhos constitui investimento importante para garantir a evolução e promover a realização de uma competência futura tanto nas ações cognitivas como sociais. Enfim, a variável Afeto destaca nos pais habilidades de expressar afeto e apresenta no contexto familiar importante relação entre pais e filhos que pode influenciar positivamente a criança (Nelson et al., 2019). As relações afetivas dos pais levam em conta as vivências e experiências sociais e culturais vividas durante a infância, sendo importantes modelos de aprendizagem e fontes de afeto fundamentais para um desenvolvimento mais sadio. Diante disso, a qualidade dessas relações pode promover expectativas mais positivas ao crescimento social e cognitivo da criança, tornando-se mais confiante diante das dificuldades de interação nos diferentes grupos sociais (Avnet, Makara, Larwin, & Erickson, 2019).

Com isso, os instrumentos, apesar de apresentarem características e objetivos próprios, encaminharam-se para um único ponto que foi a percepção das práticas parentais de pais e mães. A família, como agente de socialização dos filhos, indicou quais estratégias utiliza para educá-los e como reforça comportamentos socialmente aceitos.

Aliás, no ambiente familiar existem muitas interações e cada sujeito contribui e elabora suas percepções nessas interações. Portanto, cabe ressaltar que nesse contexto e respeitando o período evolutivo dos filhos, puderam ser percebidas diferenças nas percepções dos participantes sobre as práticas de interação, de controle e monitoramento, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de autonomia e independência dos filhos.

As questões apresentadas foram consideráveis para melhor compreensão dos fatores contextuais do desenvolvimento dos adolescentes, bem como a identificação dos desafios nas relações familiares e de relacionamento interpessoal a fim de propor práticas de intervenção e prevenção em curto prazo. Com isso, a observação dos dados pode permitir uma orientação social positiva para desenvolver fatores de proteção e diminuir riscos para uma projeção otimista para a vida adulta.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo comparar práticas parentais em adolescentes do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental. O Ensino Fundamental II, marcado pela transição escolar, é um campo de estudo que retrata uma pluralidade de acontecimentos e que provoca mudanças ecológicas de adaptação a um novo sistema educacional. Em suas novas regras, percebem-se mudanças intrínsecas de um período bastante conturbador e de instabilidade emocional que é a adolescência, na qual o indivíduo precisa ter a sua identidade definida, necessita ser reconhecido por novos pares, enfim adaptar-se a um novo contexto social e educacional.

Por outro lado, a família apresenta-se com determinante para o desempenho positivo ou negativo dos filhos, seja na interação com colegas, seja no desenvolvimento de competências que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e o ajustamento interpessoal. Portanto, a cultura familiar com a incorporação de novos papéis atribuídos pelos pais, pode levantar algumas questões sobre o impacto das práticas parentais no desenvolvimento desses estudantes, que muitas vezes vivenciam em seu cotidiano uma distância nessas relações, uma ruptura nos vínculos e uma crise familiar que causa transtornos e prejuízos. Relações como afetividade, supervisão de comportamento, apoio emocional aumentam a capacidade dos indivíduos de socialização e promovem um melhor ajustamento na vida social. À medida que a criança cresce e inicia o desenvolvimento de novas capacidades de cognição social, os pais passam a acreditar que os filhos possuem mais competências e podem assumir outras responsabilidades. Os pais ao agirem de forma mais indutiva, deixam os filhos compreenderem as consequências de sua conduta, utilizando recursos que justificam uma mudança no seu desempenho. Ao contrário, quando existe uma dificuldade entre as variáveis ambientais e familiares, podem-se prever falhas de acompanhamento dos pais na adolescência, apresentando fatores negativos para um relacionamento saudável entre eles e melhores condições adaptativas dos adolescentes.

A condução do estudo baseou-se na aplicação em uma perspectiva transversal. Sugere-se um estudo longitudinal para acompanhar a

evolução e o comportamento dos estudantes do Ensino Fundamental II, no que diz respeito aos aspectos sociais, na relação familiar e no envolvimento dos pais na utilização de práticas parentais, nas habilidades sociais, associados principalmente ao desempenho acadêmico desses estudantes. Uma limitação ao estudo é o número reduzido de pais (homens) que responderam à pesquisa, que deveriam participar e perceber a importância de estarem mais presentes na educação dos filhos. Mesmo assim, o estudo traz uma importante contribuição para as pesquisas da área, pois apresentou resultados significativos na educação de crianças e adolescentes que estão em transição escolar e que apresentam relevantes mudanças biopsicossociais.

Referências

- Aguirre K. C., & Maraschin, M. L. M. (2017). *A transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental: o que diz a produção nacional*. Monografia de conclusão de curso, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil.
- Avnet, M., Makara, D., Larwin, K. H., & Erickson, M. (2019). The impact of parental involvement and education on academic achievement in elementary school. *International Journal of Evaluation and Research in Education*, 8(3), 76-83. doi: 10.11591/ijere.v8i3.20249
- Azevedo, A. E. B. I., & Reato, L. F. N. (2019). Manual de adolescência. São Paulo, SP: Editora Manole.
- Backes, M. S., Becker A. P. S., Crepaldi M. A., & Vieira, M. L. (2019). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 66-81. doi: 10.38034/nps.v27i61.417
- Benetti, S. P. C., & Balbinotti M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF*, 8(2), 103-113. doi: 10.1590/s1413-82712003000200002
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 67-75. doi: 10.1590/s0102-37722010000100009
- Carbonieri J., Eidt N. M., & Magalhães C. A. (2020). Transição da educação infantil para o ensino fundamental: a gestação da atividade de estudo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24,1-8. doi: 10.1590/2175-35392020215280
- Cloutier R., & Drapeau S. (2005). *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Correia K., Marques-Pinto A, & Roberto M S. (2017). Adaptação na Transição para a Escola: Estudo do Questionário de Adaptação Escolar e da Escala de Competência Social do SSBS-2. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 45(3), 17-31. doi: 10.21865/riedp45.3.02
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Oliveira, L. A., Gresham, F. M. & Vance, M. J. (2012). Role of social performance in predicting learning problems: Prediction of risk using logistic regression analysis. *School Psychology International*, 33(6), 615-630. doi:10.1177/0020715211430373
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2017). *Habilidades Sociais e Competência Social Para Uma Vida Melhor*. São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Goetz, E. R. & Vieira, M. L. (2003). *Pai real, pai ideal: O papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba, PR: Juruá Editora.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette, (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp.21-60). Campinas, SP: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Manual do inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2009). A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 25-34. doi: 10.1590/s0103-166x2009000100003
- Gomide, P. I. C. (2011). *Inventário de Estilos Parentais, Modelo Teórico: Manual de Aplicação, Apuração e Interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Karimzadeh M., Rostami M., Teymouri R., Moazzen Z., & Tahmasebi S. (2017). The association between parental mental health and behavioral disorders in pre-school children. *Electron Physician*, 9(6), 4497-4502. doi: 10.19082/4497
- Lessa, P.V. (2018). A queixa escolar em questão: a atuação do psicólogo na educação e as contribuições da psicologia histórico-cultural. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, 30(59), 39-50. Retrieved from <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/145>
- Maia F. A., Soares A. B., & Leme, V. B. R. (2019). Relações Interpessoais em alunos na transição para o 6º ano do Ensino Fundamental. *Perspectivas em Psicologia*, 16(1), 1-13. Retrieved from <http://perspectivas.mdp.edu.ar/revista/index.php/pep/article/view/386>
- Marturano, E. M. (2013) A Criança, a família, a escola e a transição para o Ensino Fundamental. In EC Konkiewitz, (Editores). *Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência: Uma visão transdisciplinar* (pp.47-69). Dourados, MGS: Editora UFGD.
- Marturano E. M., & Pizato, E. C. G. (2015). Preditores de Desempenho Escolar no 5º Ano do Ensino Fundamental. *Revista Psico*, 46(1), 16-24. doi: 10.15448/1980-8623.2015.1.14850
- Minetto MF, Löhr SS. (2016). Crenças e práticas educativas de mães de crianças com desenvolvimento atípico. *Educar em Revista*, 59, 49-64. doi: 10.1590/0104-4060.44791
- Nascimento, M. O., Moreira, A., Poffal A. L.M, Souza, F.B., & Avallone, D.M.(2017). Influência parental na educação escolar adolescente. *Adolescência & Saúde*, 14(2): 135-143. Retrieved from <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-721>.
- Natoli, S., Batini, F., & Toti, G. (2016). Uguale e diversi: un'indagine comparativa tra generazioni sulle attese e le percezioni relative alla genitorialità. *Rivista Italiana di Educazione Familiare*, 1, 49-70. Retrieved from <https://oaj.fupress.net/index.php/rief/article/view/3969>
- Nelson, C. A. III, Zeanah, C. H., & Fox, N. A. (2019). How early experience shapes human development: The case of psychosocial deprivation. *Neural Plasticity*, 1676285, 1-13. doi: 10.1155/2019/1676285
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., Lisboa, C. S. M., & Rubin,

- K. H. (2015) Relação entre práticas parentais e problemas de externalização e internalização: papel mediador do vínculo do apego. *Interação em Psicologia*, 19(3), 371-383. doi: 10.5380/psi.v19i3.32371.
- Patias, N. D., Siqueira, A.C., Dias, A.C.G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: A educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Psicologia da Saúde*, 21(1), 29-40. doi: /10.15603/2176-1019/mud.v21n1p29-40
- Rosin-Pinola, A., Del Prette Z. A. P., Del Prette A. (2007) Social skills and behavior problems in students with mental retardation, high and low academic performance. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(2), 239-256. Retrieved from <https://www.scielo.br/rbee/a/jKQxPHtBh57ZXqTStj9NsyR/abstract/?lang=pt>
- Smetana J. G. (2017). Current research on parenting styles, dimensions, and beliefs. *Current Opinion in Psychology*, 20(15), 19-25. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.02.012
- Souza L.B., Panúncio-Pinto M. P., & Fiorati R. C. (2019). Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(2), 251-269. doi: 10.4322/2526-8910.ctoAO1812
- Teixeira, M. A. P., Oliveira, A. M., & Wottrich, S.H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando Dimensões de Práticas Parentais em Relação a Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433-441. doi: 10.1590/S0102-79722006000300012.
- Wang, M. T., Dishion T. J., Stormshak, E. A., John, B., Willett, J. B. (2010). Trajectories of Family Management Practices and Early Adolescent Behavioral Outcomes. *Developmental Psychology*, 47(5), 1324-1341. doi: 10.1037/e619482010-001